

Peixe na era de Aquário

Josiel Vieira

Ciberfil Literatura Digital



Versão para Acrobat Reader por Marcelo C. Barbão

Fevereiro de 2002

Permitida a distribuição

Visite nosso site: www.ciberfil.hpg.ig.com.br ou mande-nos um e-mail: ciberfil@yahoo.com

*"In the City of God there will be a great thunder, Two brothers torn apart by Chaos, while the fortress endures, the great leader will succumb" , "The third big war will begin when the big city is burning" -
Nostradamus 1654*

— O senhor pode me ajudar?

O cavaleiro Piscis estava deitado na grama sentindo o Sol de primavera sobre seus olhos fechados, mas num instante pegou instintivamente sua espada e a mirou às cegas na direção daquela voz tão perto dele. Porém ao ver *quem* tinha falado, ficou uns momentos em silêncio com os olhos esbugalhados e depois explodiu numa gargalhada tão alta que alguns passarinhos fugiram assustados:

— Mas o que diabos é você, menina?

— Me chamo Temperança.

— Quantos anos você tem? Eu nem sei por que pergunto; vá embora antes que eu fique bravo e lhe dê um cascudo.

— Eu não vou embora antes que o senhor me ajude.

Piscis guardou a espada e se sentou numa pedra coberta de coloridos liquens, e sua armadura tilintou. Só agora sentiu que estava ficando velho. Noutros tempos, ninguém teria chegado tão perto dele; seus instintos outrora aguçados perceberiam a presença intrusa a uma distância enorme. Agora, uma simples menina chega impunemente ao seu lado... O enorme cavaleiro veterano coçou a barba ruiva enquanto olhava interrogativamente para ela. Definitivamente aquela menina franzina não lhe despertava o menor desejo. Assim, resolveu se divertir um pouco antes de expulsá-la:

— Muito bem... *Lady* Temperança. Em que posso ajudá-la? Você por acaso quer conquistar um reino? Ou talvez derrotar um dragão?...

— Não, nada disso. Só quero que me ensine a cortar a cabeça do meu ex--namorado.

Os olhos do cavaleiro Piscis gargalharam mais do que se ele tivesse feito isso com a boca.

— Então você quer resolver uma simples briguinha de namoro e para isso pede a ajuda do maior, mais cruel, desumano e impiedoso cavaleiro de todo o continente!...

— Não ria de mim! – a menina esbravejou. O cavaleiro apontou algo:

— Veja, ali em frente está o meu machado de guerra mais leve. Pode trazê-lo para mim? Assim poderei lhe ensinar uma coisa.

Temperança foi até o machado e sequer conseguiu erguê-lo do chão. O máximo que conseguiu foi levantar um pouco o cabo, mas acabou perdendo o equilíbrio e caindo para trás. O cavaleiro só faltou chorar de tanto rir:

— Deus misericordioso, eu não ria assim desde quando arranquei os braços e as pernas de alguns inimigos idiotas no ano retrasado! E eles se contorciam, achando que ainda poderiam sobreviver!... Lamento moça, mas terá que aprender uma coisa: se não consegue erguer um simples machado, decerto não poderá usá-lo para cortar a cabeça do seu ex-namorado de uma maneira decente.

A Temperança chegou perto dele e o encarou:

— Não vou embora. Terá que me ensinar como se mata um ex-namorado. Algumas borboletas passeavam. O vento trazia o cheiro de mato.

— Escute, menina. Por que não esquece o sujeito? Ou faz as pazes com ele?

O rude cavaleiro se enrubescou ao dar esses conselhos. Não era próprio de um cavaleiro mercenário falar semelhantes coisas! A sua voz então adquiriu a potência de um trovão:

— Afinal, quem você acha que eu sou? Algum tipo de palhaço para quem se chora um coraçãozinho partido? Eu posso matá-la, partir seu cadáver e comer seu coração *cru*! Vá embora!

— Eu já disse que não...

Piscis tentou ser o mais civilizado possível ao desfechar uma leve bofetada “desmaiante”, mas mesmo assim a menina voou longe, caindo desfalecida com a boca ensangüentada. O cavaleiro praguejou ao ver que o resultado foi muito além do que ele esperava. Por isso limpou o ferimento da boca da menina com a água fria de um riacho dali perto.

Pôs a menina nas costas e a levou para a orla da floresta que era cruzada por uma estrada que ia para o reino, de onde certamente alguma caravana a encontraria e a levaria de volta; pois decerto era de lá que

ela tinha vindo. Mas depois ele se arrependeu, porque um terrível imperador trazia o terror naquele lugar, e os refugiados corriam apavorados; decerto não era uma época em que caravanas demonstrassem compaixão a feridos. Resolveu voltar para cuidar da menina, mas ela já tinha desaparecido.

Piscis estava agachado atrás de uma moita clara quando viu um vulto roubar suas roupas. Mas uma vez um trovão furioso ribombou pelas árvores centenárias cobertas de musgo:

— Maldição!!...

Ele se ergueu mas tornou a se abaixar quando viu que era aquela maldita menina de novo!

— Traga minhas calças, sua retardada!

Temperança pulava de um lado para o outro como um duende, segurando o “troféu” roubado.

— Só se você me ensinar como se arranca a cabeça de um ex-namorado!

— Devolva minhas malditas calças e eu *talvez* não arranque sua cabeça! – berrou o cavaleiro furioso ao ser pego “em flagrante”.

— Quem diria que o maior, mais cruel, desumano e impiedoso cavaleiro de todo o continente também *caga* como eu e o resto do mundo! – Temperança desdenhou, toda animada. Piscis dessa vez rugiu de uma maneira apavorante:

— *GRRRR...* Pela barba do diabo, vou lhe mostrar uma coisa *imediatamente*!!

Ele se levantou como um urso de barba ruiva e saiu aos tropeções atrás da menina. Mas Temperança já estava longe demais e sumiu de sua vista.

Foi encontrar as suas calças um dia mais tarde, estendida numa clareira de grama verde-clara. E, fato inédito em toda a longa existência daquela roupa que já fora encharcada diversas vezes de sangue e lama, as calças estavam lavadas!

“Grande coisa...” pensou com superioridade Piscis, o terrível carnicheiro, a respeito do fato de ser a primeira vez em muito tempo que vestia calças limpas. Lavar uma roupa, qualquer ignorante pode lavar. Agora destrinchar com precisão a carne dos inimigos... ah, isso sim era uma arte!

Por outro lado, o fato de sua roupa estar ali, secando ao Sol agradável de primavera, só representava uma coisa: que aquela menina amaldiçoada estava por perto. Seus olhos de predador logo identificaram uma trilha de rastros no meio do mato. Ele foi seguindo a trilha com a mesma gula com que um urso segue um rastro succulento de mel, e esse mel se perdia e se dissolvia em meio às árvores de caule colorido e ramagens vivas e estranhas a rodopiarem e se confundirem girando loucamente em cores e aromas, aromas da terra há muito ignorados que se sugava do ar como a saliva do beijo verde de uma flor em que ele ia se perdendo e se perdendo...

Piscis passou a mão no rosto com força, para tentar voltar à realidade, se escorando numa figueira branca. Seus instintos lhe gritaram que havia algo de estranho no ar.

O cinza em que se encontrava seu discernimento logo viu a fumaça cinzenta de uma choupana que se destacava no meio da Floresta Verde.

Num pulo o cavaleiro Piscis chegou até a cabana.

Diante dela estava a menina, toda de preto, mexendo um caldeirão fumegante com uma enorme colher de madeira.

— Então você é uma bruxa!! – Piscis gritou assombrado, desembaiando a espada.

Sem parar de mexer o conteúdo borbulhante do caldeirão, a menina Temperança sorriu e lançou-lhe um olhar diabólico:

— Sim, eu sou uma bruxa e você é um cavaleiro sem cavalo. Então, acho que estamos empatados, não é mesmo? Agora seja um bom menino e abaixe a espada, antes que eu fique irritada e o transforme num sapo.

Sem hesitar, o cavaleiro obedeceu. Sabia que bruxas são terríveis.

— O que quer de mim?

— Agora está sendo razoável – ela disse – vamos tratar de *negócios*. Mas antes deixe de olhar para meu caldeirão como se o próprio demônio estivesse dentro dele. Se quer saber, estou preparando um perfume. Sou vaidosa mesmo, e daí?

Sentaram-se em pequenos blocos de pedra onde estavam pintados obscuros símbolos de magia.

— Pois bem, cavaleiro. Quero que me ensine a arrancar a cabeça de um ex--namorado.

— Por que não usa sua magia? – Piscis comentou desconfortável, pouco à vontade sobre a pedra ritualística em que estava sentado – seria bem mais fácil, eu suponho.

— Não é tão simples assim – a menina comentou – o meu ex-namorado parece ser imune aos meus feitiços. Mas a questão é que eu quero fazer o negócio pessoalmente.

— Em última análise, por que não quer que eu mesmo faça o serviço? – Piscis quis ser profissional, mas depois de uma pausa ele acrescentou com sinceridade amarga – eu não tenho mesmo mais nada a perder. Nem honra, nem prestígio, nem nada. A única coisa que sei fazer bem é matar. Diga quem é o sujeito que eu arranco a cabeça dele antes que ele tenha tempo de pensar.

— Obrigado pela gentileza – Temperança agradeceu sorrindo – mas já lhe disse o que eu quero. Quero que me ensine o seu ofício. Agora foi a vez de Piscis ponderar:

— Isso é meio complicado. As armas de um cavaleiro são pesadas, você mesma viu.

— Dá-se um jeito para tudo – a menina respondeu.

No outro dia, bem no início da manhã brumosa começaram os treinos perto da choupana.

Piscis logo desistiu de usar o método clássico de ensino quando a menina novamente caiu de bunda no chão ao tentar segurar um reles machado. Ele resolveu sugerir impensadamente:

— Você não pode usar seus poderes mágicos para ficar forte como uma cachorra doida? Ops... desculpe pela indelicadeza...

— Faça mais uma comparação desse tipo, cavaleiro – ela disse com os olhos chismando de raiva – e mostrarei umas *coisinhas* que eu sei fazer. Juro por Deus!

O cavaleiro Piscis começou a andar de um lado para o outro, enrolando pensativamente a barba ruiva como um urso intelectual. Como ensinar uma bruxa a degolar um idiota de um ex-namorado? Nisso seu

estômago começou a grunhir violentamente.

— Espere um pouco. Vou sair para matar um porco do mato e logo estarei de volta.

— Você vai sair para fazer o quê?! – ela perguntou horrorizada.

— Para matar um porco – ele respondeu impaciente.

— Porco tem muita gordura! – a bruxa disse escandalizada.

— Sim, e quanto mais gordura, melhor! – ele piscou o olho – por falar nisso, você está precisando experimentar uma boa gordurinha de porco; assim deixa de ser tão magra. Puxa, por uma boa banha suína sou capaz massacrar um mosteiro. Aliás, eu já fiz isso uma vez e foi divertido à beça! E nem queira saber o que posso fazer por succulentas costeletas gordurentas.

— Argh, pare com isso senão eu vou vomitar – Temperança fez uma cara de nojo – não é à toa que naquele dia você estava com dor de barriga, cavaleiro. Você só come lixo! Fique aqui que eu lhe trago o que comer.

Ela lhe trouxe duas tigelas com cereais e vegetais crus. Piscis rugiu:

— Mas o que diabo é essa piada? Acha que eu sou um maldito boi para comer mato?

— Coma, é gostoso! – ela disse e se pôs a comer também. Piscis deu duas bocadas e sentiu o seu estômago implorar por gordura:

— Tenha piedade de mim! Deixe-me sair para caçar um leitãozinho só!...

— Saia para caçar, cavaleiro, e encontrará um demônio com cabeça de jumento que o arrastará imediatamente para o inferno – Temperança calmamente rogou-lhe essa praga. O valente cavaleiro engoliu a seco e começou a comer rapidamente a refeição natural. Até que não era tão ruim assim, pensou.

— Coma mais devagar. Você parece um bode comendo! Não me admira que as suas calças estivessem cheirando a bode.

— Obrigado pela parte que me toca. Mas não pedi nenhum favor a você – ele resmungou ofendido.

— Os favores são assim mesmo, cavaleiro. A gente faz sem esperar nada em troca.

Foi aí que Piscis se lembrou que não estava cobrando nada para ensinar a bruxa a arte das armas. Pela

primeira vez na vida, estava fazendo algo sem esperar pagamento.

— No Oriente eles fazem espadas muito leves; até mesmo uma menina poderia manejá-las. Mas aqui é diferente. A tradição guerreira daqui está baseada em...

— Sim, eu já sei, cavaleiro. Você já disse isso até não poder mais. Arrancar a cabeça de um inimigo por aqui é coisa para homem, blá, blá, blá.

Enquanto enrolava sua barba, os olhos de Piscis se iluminaram: ele finalmente achou ter chegado a um bom termo:

— Já sei. Por enquanto eu vou lhe ensinar os princípios do Caminho do Guerreiro. São verdades absolutas que todo o guerreiro deve saber, independente da arma que usar, para atingir a estrada do sucesso, da auto-realização e da...

— Ah, não. Não me venha com a velha baboseira de sempre – a menina falou com um tédio inteligente – Hoje em dia basta um termo pomposo desses nos lábios para qualquer idiota se achar um maldito guru...“Caminho do Guerreiro”... bah! Parece coisa de mago charlatão, desses que existem por aí e que só são realmente famosos por terem sido oportunistas o suficiente para isso. Faça o favor, Piscis, me ensine o que intimamente lhe faz ser um grande cavaleiro. Mas me poupe dos termos feitos, que isso me irrita!

Nunca nenhum inimigo lhe desferiu um golpe tão duro na cara quanto essas palavras de uma simples menina. Não fosse o fato dela ser uma bruxa, a partiria no meio com toda a naturalidade do mundo.

— Você tem talento para ser uma guerreira profissional – ele disse com a voz cheia de raiva – afinal, você tem uma capacidade incrível de despertar o ódio em guerreiros com larga fama de assassinos. Mas vamos aos ensinamentos; em primeiro lugar, o guerreiro nunca pode sentir medo.

— Por quê?

— Maldição, porque *NÃO* é ponto final !! Não *pode* sentir medo e acabou! Com todos os satanases de todos os malditos infernos, menina, aprenda a *não me questionar*!! *GRRRRR*!!

O cavaleiro ficou tão possesso que arremessou seu machado contra a floresta, e a arma cruzou o ar girando e zunindo de uma maneira apavorante. Acabou decepando uma pequena árvore num estrondo.

— Uau! – a bruxa elogiou – derrubou *na primeira*! Parabéns pela pontaria soberba! Ele olhou para ela em silêncio. Depois concluiu:

— Bom, pelo menos tenho certeza de que medo é um problema que você não vai ter. Geralmente as pessoas saem correndo quando vêem Piscis, o terrível cavaleiro, com um pouco de raiva.

— O que é isso; uma competição do que causa mais medo? Cavaleiro, se você tivesse visto metade dos demônios com os quais eu negocieei, decerto teria tanto medo que perderia todos os pelos de sua barba e esconderia a cabeça no primeiro buraco que encontrasse no chão.

Piscis passou a mão na cabeça, sem paciência.

— Ainda bem que sou apenas o seu mestre de armas. Se fosse seu marido, sairia louco pela floresta em busca daquele demônio com cara de jumento que você falou e imploraria que ele me levasse para o inferno.

Ela sorriu:

— Até que para um cavaleiro ignorante com músculos no lugar do cérebro você é engraçado.

Ele ficou parado ouvindo, e depois olhou bem nos olhos dela e deu um curto sorriso.

A luz cor de abóbora da fogueira iluminava aquela parte da floresta agora azulada pela noite de primavera. Havia luzes no céu e luzes no mato.

Como achava que entrar na choupana de uma bruxa trazia mal agouro, Piscis dormia do lado de fora. Mas Temperança estava aproveitando a boa influência lunar para preparar uma de suas poções, e mexia pacientemente o caldeirão sobre um fogo de madeira cheirosa. De vez em quando das brasas saíam faíscas que voavam bem longe. Ele observava a tudo calado, mesmo quando as faíscas pareciam virar no ar pequenas formas femininas, do tamanho de bonecas, e com asas de libélula. Aquilo o perturbava, mas

ao mesmo tempo o fascinava. Entretanto, depois de algum tempo não conseguiu ficar mais de bico fechado:

— Posso lhe perguntar algo, Temperança?

— E por que não? Acha que...

— Tá, tá, eu sei, você vai dizer que perguntar não interfere em nada o preparo de sua poção mágica; desculpe a minha ignorância de cavaleiro sem cérebro. Mas... Conte-me sobre esse tal ex-namorado. Como é ele? É assim como eu, um cavaleiro forte e destemido, que inspira o terror em todas as aldeias de todo o mundo? E além de tudo muito modesto?

Agora foi a vez de Temperança rir tão alto que uma coruja fugiu assustada:

— É bem típico dos homens pensar essas coisas! Quem você acha que eu sou para gostar de um brutamontes? Não, meu amiguinho, meu ex-namorado não é um cavaleiro. É, sim, um cavalheiro. Culto, educado, sensível, escreve poesias de amor...

Piscis riu:

— E é dessa florzinha que você quer arrancar a cabeça? Flores não tem cabeça, menina! – ele comentou às gargalhadas – Como é ele, fisicamente?

— Bem, ele tem a metade da sua estatura, é mais magro que eu, tem mãos mais delicadas que as minhas, tem um rosto bonito, e...

— Meu Deus! Que horror! Ao menos ele sabe manejar armas?

— Não, ele não gosta dessas vulgaridades.

— Nem ao menos arco e flecha?!

— Não.

— Sabe caçar?

— Também não.

— Tem certeza que ele realmente é homem? Quero dizer, será que não é uma menina de sua idade lhe pregando uma peça? Ou então um duende?

— Para o seu governo, seu cavaleiro imbecil, ele é um grande amante. Ele sabe todos os segredos e jogos do amor. Aposto que você não sabe nem uma ínfima parte do que o meu ex-namorado me ensinou.

Piscis se ofendeu. Sem saber por quê, foi tomado por um imenso ciúme:

— É, talvez eu não saiba mesmo. Mas ao menos, e graças a Deus por isso, não sei destruir os sentimentos de uma menina. Sabe, vocês mulheres acham que sabem tudo a respeito da gente. Mas de repente, um poeta franzino de rosto bonito e educado pode ser muito mais cruel com uma menina como você do que um cavaleiro sanguinário e mercenário como eu.

E saiu de perto dela, ofendido, nem chegando a saber que a jovem bruxa começou a chorar.

— Eu pensei a noite toda, cavaleiro, no que me disse ontem, e acho que tem razão. É melhor deixar essa história de arrancar cabeça para lá.

— Não!!! Você tem que fazer isso!! E agora que descobri que seu inimigo não passa de um maricas, o trabalho vai ser bem mais fácil.

— Mas eu não tenho armas que sirvam para mim...

Piscis respirou fundo e ficou num silêncio grave por um tempo. Por que agora fazia questão que ela matasse esse tal ex-namorado? Ele foi até seu alforje de armas e tirou com todo cuidado e reverência um embrulho comprido. Como se o embrulho fosse uma criança recém-nascida ele o entregou para Temperança:

— Use isto.

A bruxa desfez o embrulho.

Qual não foi a sua surpresa quando descobriu que era uma magnífica espada feita nas terras do Oriente, leve e elegante, cheia de adornos e relevos em ouro e pedras preciosas coloridas que cintilaram como estrelas em suas mãos.

— É... é... maravilhosa! Eu não tenho palavras para tanta beleza!

A lâmina curva e fina era tão polida quanto um espelho, e a luz dourada do Sol se refletiu nela. Temperança, admirada, cortou o ar com ela.

— Onde arrumou essa obra de arte? Sem encará-la, Piscis murmurou:

— Vou contar a história porque não gosto de segredos; mas eu não gosto de contá-la. Essa espada pertenceu à minha mulher. Foi a maior espadachim que eu encontrei em minhas pilhagens no Oriente. Antes de morrer ferida numa guerra onde ela e eu éramos mercenários, ela me entregou sua espada. Agora me dê licença que vou lavar o meu rosto; e não pense que estou chorando só porque as lágrimas estão descendo dos meus olhos. Acho que deve ter entrado um cisco...

A espada do Oriente parecia ter sido feita sob encomenda para Temperança; tornaram-se inseparáveis. E no fim ela aprendia muito mais manejando a espada sozinha do que com os ensinamentos profissionais de Piscis. Parecia mais uma criança brincando e se divertindo a valer do que uma aprendiz de armas. De vez em quando ela parava para apreciar o seu novo presente. Foi num desses momentos que ela comentou:

— Você deve ter realmente amado essa guerreira, cavaleiro.

— Muito mais do que você pensa.

— E como era o rosto dela? Eu já descrevi para você o meu “ex”.

— Ela tinha os olhos amendoados dos orientais. Era um pouco mais gorda que você; aliás foi com ela que eu aprendia a apreciar a carne do porco. Mas... enfim, o passado é como uma cabeça que deve ser decepada. Senão essa cabeça começa a mandar na gente.

Temperança aprendia muito rápido. E quanto mais ela aprendia, mais se questionava se valia mesmo a pena:

— Eu não sei se quero mais levar adiante essa história, cavaleiro. Eu me lembro que um das primeiras

coisas que você me perguntou, assim que nos encontramos, foi por que eu não esquecia o sujeito de uma vez ou fazia as pazes com ele. Você estava certo; acho que devo fazer uma das duas coisas.

— Não! Você terá de ir até o fim! Deverá arrancar a cabeça dele num golpe só. A decisão de um guerreiro é irrevogável, principalmente no que diz respeito à morte de inimigos.

— Mas eu não sou uma guerreira, cavaleiro. Sou uma bruxa, e bruxas são flexíveis como a natureza. Não vejo mais sentido para algo tão extremo...

— É por isso que o povo das aldeias têm bronca contra vocês. Bruxas são traiçoeiras; mentem o tempo inteiro! Se soubesse disso, nunca teria perdido meu tempo com você!

— Você não pode falar nada, seu grande cavaleiro sem cavalo! Imbecil! Eu me pergunto para que serve um cavaleiro numa floresta onde é impossível cavalos entrarem. Por outro lado, sua teimosia me faz indagar se você realmente é o cavaleiro ou se é o maldito cavalo. Afinal de contas, idiota, o que faz aqui na floresta de uma bruxa? É tão derrotado assim que não agüenta mais viver entre os homens de verdade?

O rosto de Piscis se congestionou de fúria.

— Eu vou dizer, bruxa, por que evito a companhia das pessoas e por que me tornei mercenário, depois de ser um cavaleiro honrado. Sabe, eu acreditava que o dia de amanhã traria mais riquezas para os despossuídos, e que não haveria mais diferenças entre a fortuna de um imperador e a de um camponês. Eu esperava um sinal do início dos novos tempos; esses novos tempos onde o combate de pessoas como eu não seria mais necessário, e não haveria nunca mais o derramamento de sangue dos inocentes. E o que eu vi, com meus próprios olhos? Eu vi o desmoronamento das duas torres!... As duas torres desabaram, como num elogio à estupidez humana. E o que veio depois do desabamento das duas torres? Mais ódio, perseguição sem sentido, povos combatendo povos, populações fugindo, e o medo passeando pela vida como abutres invisíveis. Então eu percebi que o que falavam da nova era que viria era mentira. Nunca existirá nova era. Meu Deus, eu, justamente eu, passei a vida acreditando numa fábula!... eu acreditei em honra e gentileza, mas essas coisas nunca existiram!! Deus, tenha piedade da minha alma ignorante!

Ao revirar as calças do cavaleiro Piscis para lavá-las antes de se separar dele para tentar fazer as pazes com o ex-namorado, a bruxa Temperança encontrou uma poesia escrita recentemente:

A choupana na bruxa verde

Guio-me por sua fumaça do verde se destaca
Sua choupana é disfarce
você quer minha ajuda
e eu sou seu destino
lhe direi que é bonita
e me perderei na floresta
como uma criança; será
então sua vez de me socorrer
com suas poções mágicas
o zumbido da manhã é dourado
e doce e macio que acho que estou drogado,
pois isso não pode estar acontecendo.
Somos estranhos, meu amor; muito estranhos
e mesmo o papa nos excomungando
não deixará de ser o papa;
vejo feitiçarias nas esquinas dos meus braços
que procuram os teus olhos embaixo de mim;
paio no céu de concreto que nos separa
tão inutilmente quanto a nossa separação

— Eu já vou, cavaleiro Piscis. Obrigado por tudo. Mas tenho que fazer isso, infelizmente.

— Afinal de contas, quem diabos é o seu ex-namorado?

— Ele é o Imperador.

Piscis admirou-se. E admirou-se mais ainda quando, ao invés de levar uma sacola de provisões para o longo caminho de retorno ao passado, Temperança pegou apenas a sua espada . Ela piscou o olho:

— Quando eu voltar, é melhor você ter caçado um porco bem gordurento.

E saiu caminhando lentamente, com a espada no ombro, de cabeça baixa.

Nesse momento um violento clarão iluminou o coração de Piscis e a sua boca imediatamente exibiu um sorriso limpo, sincero e infantil como há muito não o fazia.

Ele saiu correndo atrás dela.

Diziam que o cavaleiro e a bruxa que andavam abraçados pelas trilhas que eles bem que poderiam conquistar qualquer reino e fazer qualquer coisa, tamanha a felicidade que compartilhavam.

Nota do autor:

“A Temperança” é o arcano 14, simbolizado por uma jovem alquimista que transfere o conteúdo de um vaso de chumbo de uma mão para o vaso de ouro na outra mão. É a transformação alquímica do mal em bem, da destruição em criação. Segundo certas tradições místicas está associado ao signo de Aquário, o signo da era que se inicia. Até mais!